

## O FIM DAS ONGs EM TEMPOS DE CRISE

**Robson Rodrigues<sup>1</sup>**  
**Grasiela Lima<sup>2</sup>**

A crise manifesta-se hoje na sociedade capitalista, globalizada e neoliberal, de diferentes formas: social, econômica, ambiental, ética, política, institucional e assim por diante. Segundo o Dicionário Aurélio, podemos definir crise como “momento perigoso ou difícil de uma evolução ou de um processo”; “um período de desordem acompanhado de busca penosa de uma solução”, ou ainda “momento crítico ou decisivo”. Assim, muito embora a palavra crise conjugue momento difícil com a busca de sua superação, o que temos constatado nos últimos tempos é que quando se encontra uma saída, esta privilegia alguns (elites dominantes) em detrimento de outros (pobres, miseráveis, excluídos) ou é uma farsa. Os dois casos podem ser exemplificados com a crise econômico-financeira global de 2008.

Contudo, nosso objetivo aqui é, em meio a tanta crise, tecer algumas considerações sobre a que envolve especificamente ONGs (Organizações Não-Governamentais) em convênios ou parcerias ilícitas ou fraudulentas com instituições governamentais, como tem sido noticiado pelos meios de comunicação nestes últimos tempos.

As organizações da sociedade civil sem fins lucrativos fortaleceram-se a partir dos anos 80, com a crise do Estado de Bem-Estar Social, buscando, assim, responder a uma demanda por bens e serviços que o poder estatal não estava mais conseguindo satisfazer. Além disso, “novos movimentos sociais entraram em cena”, reivindicando direitos e justiça social. Os cientistas sociais, de um modo geral, viram este momento como promissor do ponto de vista da renovação do espaço público, do fortalecimento da cidadania e da maior e efetiva participação da sociedade civil na democratização da gestão pública e,

---

<sup>1</sup> Etnoarqueólogo, professor-pesquisador do CEIMAM – Centro de Estudos Indígenas “Miguel A. Menéndez” – da FCL/UNESP. Presidente da Fundação Araporã - [robson\\_arqueo@yahoo.com.br](mailto:robson_arqueo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Socióloga, professora e coordenadora do Núcleo de Extensão e Assuntos Comunitários das Faculdades Integradas de Jaú, integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Direito na Sociedade Brasileira, da UFSCar, membro da Fundação Araporã - [grasiela\\_lima@yahoo.com.br](mailto:grasiela_lima@yahoo.com.br).

como assinala Maria da Glória Gohn, fazendo emergir neste contexto novos sujeitos, portadores de consciência crítica, gerando novos valores e nova cultura política.

Mas as associações do terceiro setor apresentam-se de forma diversificada quanto aos fins e à atuação na sociedade. Nesse sentido, temos instituições de caráter filantrópico/assistencialista, de defesa e promoção de direitos, corporativista, que assumem ou não um compromisso político na perspectiva da humanização do capitalismo (se é que é possível pensar num capitalismo humanizado) ou com claros propósitos de transformação social. E, em meio a essa diversidade existem infelizmente os oportunistas ou hipócritas, que acabam por distorcer completamente os objetivos institucionais, que não possuem escrúpulos nem tampouco nenhum projeto de ação social que contemple as imensas e múltiplas carências causadas pelas desigualdades sociais no nosso país.

Temos, portanto, uma grande crise ética baseada, por um lado, em ações profundamente antidemocráticas por parte de alguns agentes políticos que atuam segundo interesses particulares e espúrios, e não no interesse da coletividade e, por outro lado, instituições de fachada que buscam apenas disputar e conquistar de forma criminoso o verdadeiro “mercado de verbas”, realidade na qual se transformou, perversamente, a divisão de responsabilidades entre Estado e sociedade civil no que diz respeito ao compromisso político de se promover a igualdade e a justiça social.

Desta forma, perdemos todos. E as Organizações Não-Governamentais que são legítimas, absolutamente idôneas e efetivamente comprometidas com a transformação social também ficam maculadas nesse processo de generalizações que os períodos de crise propiciam: *todos* se não são suspeitos, são condenados à vala comum dos inescrupulosos.

Neste momento em que vivenciamos um novo despertar político, promovido pelos “indignados” em diferentes países do mundo, que a atual crise, caracterizada como estrutural, possa fazer com que encontremos soluções estruturais. Assim, no caso específico das ONGs, que possamos discutir seriamente seu fim, não no sentido de término, final, falecimento, mas

no sentido de finalidade, propósito, destino: a verdadeira (e estrutural) transformação da social.

Esse novo propósito deve se caracterizar pela construção de um novo modelo que priorize um padrão de vida melhor para a nossa sociedade, onde o bem comum seja a principal preocupação. Os bens comuns da natureza, da propriedade intelectual das diversas comunidades e grupos sociais, da cultura dos povos diversos, da territorialidade, da tecnologia, da saúde. E esse bem comum só será conquistado com muita persistência.

Sendo assim, concluímos com as palavras extremamente pertinentes do filósofo esloveno Slavoj Žižek, levando em conta a atual crise generalizada da sociedade capitalista: “Eles dizem que somos sonhadores. Sonhadores mesmo são os que pensam que as coisas podem continuar indefinidamente do jeito que estão. Nós não somos sonhadores: nós somos o despertar de um sonho que está virando pesadelo”.